

Cinquenta drummonds de cinza

BETO VIANNA

Dona Albelia chega às 6 da tarde em ponto na Faculdade de Letras e Filosofia. Sempre chegou e, até a anunciada aposentadoria, sempre vai chegar às 6 em ponto, de segunda a sexta (em período letivo), na Faculdade de Letras e Filosofia, onde leciona literatura brasileira. Pisa o solo sagrado da sala de aula e faz a primeira chamada às 7 em ponto. Os alunos estão carecas de saber disso, e por isso a maioria sempre lá está às 7 em ponto para garantir a presença registrada, que é a única presença que vale no impassível cronograma da burocrática professora.

Dona Albelia tem 56 anos em ponto. Em ponto de bala, é preciso dizer, posto que o funcionário público Efigênio Eustáquio Figueira Campos, por brochice ou mineireza moral, não se permite intimidades íntimas com a esposa há sabe-se lá quantas luas. Mas isso há de se resolver aqui neste conto. Leia só.

Dona Albelia anuncia que o tema-autor da presente aula é Carlos Drummond de Andrade. Os alunos antecipam o bocejo. Nem mesmo o universal itabirano Drummond, de quem alguns alunos até ouviram falar, de quem outros até parecem gostar, e de quem os demais até ouviram falar que é legal gostar, salva a arenga arrastada e previsível da mestra, em que autores, movimentos, estilos e gêneros literários parecem só mudar de endereço sendo, no mais, só mais do mesmo. A professora despeja nos alunos quatro ou cinco períodos compostos situando Drummond em vida, fases e obra.

Dona Albelia saca seu velho caderno de capa dura forrado de tecido verde (com jeito e mancha de gordura de livro de receita de vó), abre na página marcada (que aqui não há lugar para improvisos) e, cabeça baixa e olhos sempre postos no texto, pausadamente e acentuando as tônicas com o vagar que fizera sua fama nos saraus da juventude, diz um poema do celebrado Drummond:

*Oh! Sejamos pornográficos
(docemente pornográficos).
Por que seremos mais castos
Que o nosso avô português?
Oh! sejamos navegantes
Bandeirantes e guerreiros
Sejamos tudo que quiserem
Sobretudo pornográficos.*

Dona Albelia não afasta o olhar do caderno ao terminar a leitura. A classe está em silêncio. A classe sempre está em silêncio nas aulas de tão sisuda professora, mas o silêncio que agora ouvimos é estonteantemente distinto. O silêncio modorrento que costuma acompanhar as aulas de literatura brasileira dá lugar ao silêncio clítrico, respirativo, tremelicho, friativo.

Dona Albelia, sem dizer um cisco, apenas entreolhando a turma estática, num relance lança no meio da classe o ensebado caderno verde, que atinge em cheio a cabeça de Manoel Espechitti, aluno moderadamente aplicado que, desperto do transe, mal tem tempo de se refazer do susto e já agarra com as duas mãos o volume, as páginas aleatoriamente abertas viradas para seus próprios e arregalados olhos. Lê em voz alta, mas trêmula, o aluno Manoel Espechitti:

*A dançarina espanhola de Montes
Claros
dança e redança na sala mestiça
Cem olhos morenos estão despindo
seu corpo gordo picado de mosquito.*

Dona Albelia não aparenta surpresa (ou finge nem reparar) quando Carla Emiliana Torres, aluna verdadeiramente aplicada, sendo ela de Montes Claros (mas, não, dançarina espanhola), achando talvez que o poema falasse consigo, surge por detrás de Manoel Espechitti, abraça-o vigorosamente e tascas-lhe um beijo no

ouvido enquanto arrebatando o caderno verde para em seguida, com os lábios ainda úmidos, terminar o poema, a voz estridente, caçoada:

*Tem um sinal de bala na coxa direita,
o riso postiço de um dente de ouro,
mas é linda, linda gorda e satisfeita.
Como rebola as nádegas amarelas!
Cem olhos brasileiros estão seguindo
o balanço doce e mole de suas tetas...*

Dona Albelia parece sorrir (há naquele rosto um sorriso, ainda que não se note a olho nu) no momento em que o excelente aluno Pedro de Almeida toma o seu mediano colega Sérgio Estevão pela mão, atravessa a classe correndo e rouba o caderno de Carla Emiliana. Em pé no meio da sala, os dois mancebos ignoram os versos (ou inspiram-se neles) e se abraçam com paixão sófrega, e uma certa Juliana Gonçalves, que não sendo boa aluna é ginasta promissora, debruça-se sobre a carteira ao lado e consegue ler, mesmo de cabeça pra baixo, o caderno que pende aberto dos jovens corpos machos entrelaçados:

*Sugar e ser sugado pelo amor
no mesmo instante boca milvalente
o corpo dois em um o gozo pleno
Que não pertence a mim nem te
pertence
um gozo de fusão difusa transfusão
o lambar o chupar o ser chupado
no mesmo espasmo
é tudo boca boca boca
sessenta e nove vezes boquilingua.*

Dona Albelia solta um suspiro fundo e, não mais se contendo ante tão brasileira literatura, deixa abrir largo o sorriso, em que não apenas se entreveem os firmes dentes, mas agora também a sua douda e carnuda língua. Chama para si novamente o controle da classe. Ordena a Antônio Alberto Quintela, aluno sofrível, mas lindo e sarado como ele só, que lhe trouxesse o

caderno imediatamente. Antônio Alberto rasga a camisetinha de playboy, avança como um tigre (agora ele é um tigre) entre os corpos unidos dos colegas amantes e o corpo sinuoso da colega contorcionista, captura o volume com a boca e, no mesmo ímpeto felino, cruza a sala de quatro e deposita-o aos pés da dominadora mestra. O tigre retoma a forma humana (pois só esta, dizem os cientistas, encerra o dom da linguagem) e, mirando as páginas abertas, proclama, ofegante:

*O nojo do substantivo – foi há
trint’anos –
ao sol de hoje se derrete. Nádegas
aparecem
em anúncios, ruas, ônibus, tevês.
O corpo soltou-se. A luz do dia
saída-o,
nudez conquistada, proclamada.
Estuda-se nova geografia.
Canais implícitos, adianta nomeá-los?
Esperam o beijo
do consumidor-amante, língua e
membro exploradores.*

Dona Albelia está orgulhosa. Seu mais mauricinho aluno agora exhibe belíssimos dotes literários. Afora os outros, físicos, químicos, túrgidos. Com esses a professora já cantava. “Prossiga, prossiga”, ela incita o seu lírico gato, referindo-se, é claro, tanto à leitura quanto à luxúria.

*E a língua vai osculando a castanha
clitória,
a penumbra retal.
A amada quer expressamente falar e
gozar
gozar e falar
vocabulos antes proibidos
e a volúpia do vocábulo emoldura a
sagrada volúpia.*

Dona Albelia sente as mãos - as patas?

- do feroz aluno roçarem-lhe as pernas, prudentemente cobertas pelo brim azul marinho da saia longa, ainda que, tal como as fortalezas de outrora, toda saia, longa ou não, permita-se mil invasões se diligentemente atacada por baixo. A bocarra do aluno-tigre é inofensiva enquanto ocupada da recitação. E perigosíssima depois. Sem olhos para lê-lo ou bocas para dizê-lo, o caderno agora jaz aberto no chão da classe efervescente. E assim permaneceria se sua abertura, a exemplo das aberturas docentes e discentes que ali se dilatavam e se preenchiam, não chamasse a atenção de Maria Luísa Prates, boa aluna (aparentemente) tímida, tida (equivocadamente) como feinha ou sem graça. Luisinha (como a chamavam) arrasta-se quase despercebida em meio aos braços e abraços dos outros e recupera o precioso volume. Abrindo-o numa página precisa e galgando a primeira carteira que vê pela frente, ruge com inusitada e barítônica voz de trovão:

*E prossegue e se espraia de tal sorte
que, além de nós, além da própria
vida,
como ativa abstração que se faz carne,
a idéia de gozar está gozando.
E num sofrer de gozo entre palavras,
menos que isto, sons, arquejos, ais,
um só espasmo em nós atinge o
climax:
é quando o amor morre de amor,
divino.*

Dona Albelia, com o tigre a seus pés e às suas pernas, tem tempo de testemunhar, como toda a classe testemunhou entre tantos uis e tantos ais, que o brado retumbante de Luisinha não havia sido em vão. Glauca Perpétua, Thiago Fontana e Silvia Santana trepam todos os três, e ao mesmo tempo, no acadêmico púlpito de Luisinha, apalpa-na e lambem-na languidamente, trocando, além das



safadas carícias, o caderno verde de mãos, encecando um jogral que há tempos não se via (por verdadeiro e molhado) na história da civilização ocidental:

*Quantas vezes morremos um no outro,
no úmido subterrâneo da vagina,
nessa morte mais suave do que o sono:
a pausa dos sentidos, satisfeita.
Então a paz se instaura. A paz dos
deuses,
estendidos na cama, qual estátuas
vestidas de suor, agradecendo
o que a um deus acrescenta o amor
terrestre.*

Dona Albelia chega às 11 em ponto em casa e flagra o funcionário público Efigênio Eustáquio Figueira Campos tomando cerveja e assistindo Tela Quente. Pobre Efigênio que, uma noite inteira adestrado a chicote, mordação, algema e palmatória, por toda a vida dali em diante recitaria a seguinte pérola do poeta de Itabira:

*Era manhã de setembro
E ela me beijava o membro.*

